

LEITURA NA ESCOLA PÚBLICA: O TRATAMENTO DA LEITURA NA SALA DE AULA

Fernanda Karyne de Oliveira¹; Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa².
Discente do Curso de Letras – português, UEPB¹; fernandakoliveira@gmail.com
Docente do Curso de Letras – português, UEPB²; amasilesousa@hotmail.com.

Resumo

O contexto de desenvolvimento das habilidades de leitura a priori é a escola. No entanto, as evidências indicam que tais habilidades não estão sendo desenvolvidas. Dentro desta perspectiva, este trabalho tem por objetivo analisar a prática de leitura acontecida nas escolas públicas de forma que seja visto se a leitura está sendo trabalhada como forma de desenvolvimento do crescimento intelectual, aumento das capacidades leitoras e o aumento da criticidade. Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa, utilizando questionários semiestruturados com questões objetivas e subjetivas para serem aplicados com professores e alunos da escola pública. Perante os dados coletados, percebe-se que os alunos gostam de textos curtos que não necessitam de interpretações profundas e leituras de romances que possuam histórias que estejam mais perto de sua realidade. Percebe-se ainda que eles não tinham aula de leitura específica, sem falar que a prática de leitura acontece sempre da mesma maneira. As respostas da professora sugerem que uma grande porcentagem da sala não gosta de ler os textos indicados, principalmente os considerados cânones da literatura brasileira, tendo um maior contato com textos vinculados nas redes sociais. Diante dessa realidade, conclui-se a necessidade de enfatizar o trabalho da leitura na sala de aula, tratando-a como prioridade, sem deixarmos de considerar os novos letramentos que parecem emergir na nossa sociedade.

Palavras-Chave: Leitura. Criticidade. Competência leitora.

Abstract

The context in which reading abilities are developed is, a priori, the school. However, evidence indicates that such abilities are not being developed. Within this perspective, the objective of this work is to analyze reading practices in public schools in order to see if reading is being treated as a way of developing intellectual growth and of increasing reading capacities and criticality. In order to do this, qualitative research was carried out, utilizing semi-structured questionnaires with subjective and objective questions to be answered by teachers and students of public schools. In view of the data collected, it could be perceived that students prefer reading short texts which do not require profound interpretation, and novels which have stories which are close to the reality of their own experience. It was also observed that there were no specific reading classes for students, and that reading was always practiced in the same manner. The

teacher's answers suggest that a large percentage of the class does not like reading the prescribed texts, principally those which are considered canonical texts of Brazilian literature, having greater contact with texts connected to social networks. Faced with this reality, it can be concluded that it is essential to emphasize the work of reading in the classroom, treating it as a priority, without neglecting the new literacies which are emerging in our society.

Key words: Reading. Criticality. Reading competence.

Introdução

O gosto pela leitura é algo que começa a ser estimulado no ambiente familiar. A criança que cresce em meio aos livros, em que a leitura faz parte do cotidiano de seus familiares, que escuta e lê histórias para dormir com seus pais, com certeza, terá uma maior probabilidade de ser um leitor. Sabendo-se que a maioria das crianças e dos adolescentes das escolas públicas pertence a um contingente populacional de famílias de baixo poder aquisitivo que precisam do apoio e incentivo do poder público para exercer com dignidade a cidadania.

O contexto de desenvolvimento das habilidades de leitura a priori é a escola. No entanto, as evidências indicam que tais habilidades não estão sendo desenvolvidas. Para exercermos efetivamente nosso papel de cidadão, precisamos da linguagem, que se manifesta na leitura e escrita, seja para interagir nos grupos sociais aos quais participamos, expressar ideias, pensamentos, e outras denominações que exijam domínio de tais competências para que possamos viver dignamente em uma sociedade em que a leitura é a porta de entrada para diversas possibilidades.

Dentro desta perspectiva, este trabalho tem por objetivo analisar a prática de leitura acontecida nas escolas públicas de forma que seja visto se a leitura está sendo trabalhada como forma de elevação do desenvolvimento do crescimento intelectual, aumento das capacidades leitoras e o aumento da criticidade.

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa qualitativa, que contou com a utilização de questionários semiestruturados. Foram feitos questionários para alunos e professores. Os questionários foram realizados com objetivo de saber como acontece a prática de leitura e escrita nas escolas públicas. O confrontamento das perguntas ajudará a entender melhor os questionamentos levantados. Para tanto, o corpus do trabalho foi composto por cinco alunos do 8º ano do ensino fundamental de uma escola municipal da cidade de Pedra Lavrada e sua respectiva professora. Cada questionário contou com 10 perguntas, subjetivas e objetivas. Optou-se pela mesclagem das perguntas em objetivas e subjetivas por acreditar que, em algumas situações as questões subjetivas oferecem maiores margens de interpretação e permitem que as pessoas possam dissertar mais livremente suas experiências.

Análise dos Resultados

Algumas observações pertinentes sobre a coleta de dados: os alunos responderam o questionário em um horário vago, ficando na sala apenas com a pesquisadora, não sofrendo qualquer influência externa para responder as perguntas.

Durante a aplicação, observou-se falta de segurança por parte de alguns alunos na hora de responder as perguntas, pelo tom de voz que empregavam ao realizar a leitura das questões, já que na maioria das leituras das perguntas era feita em voz alta. Além disto, a professora pediu para que o questionário fosse mandado para seu e-mail, alegando falta de tempo para respondê-lo no momento pedido pela pesquisadora.

Esclarecidas as impressões tidas durante a aplicação, veem-se abaixo os dados levantados e alguns questionamentos sobre os mesmos.

Quando perguntado ao alunado se eles gostam de leitura, todos disseram que gostam de ler. Percebe-se divergência entre as respostas dos alunos e da professora, já que quando perguntada como ela avalia o interesse pela leitura dos seus alunos ela afirma que *“Infelizmente não gostam de ler. Leem por “obrigação”*. A leitura que os interessa são as que eles veem nas redes sociais. Entretanto, não são todos que têm

acesso a computadores e, para piorar, alguns alunos “ainda decodificam”. Esses pressupostos nos sugerem que a docente não considera a “*leitura que veem nas redes sociais*” como efetivamente uma leitura ou uma leitura legitimada. Tal fala sugere que os alunos condicionam-se apenas as redes sociais, não tendo acesso a outros textos, o que diverge também com outras respostas dadas pelos entrevistados. Embora se saiba que para despertar o gosto pela leitura nas pessoas, sobretudo nos alunos, não é necessário que se comece pelos clássicos e sim pelos textos que mais os agradam, para posteriormente fazerem leituras mais profundas. Nesse sentido, Oliveira (2014) comenta a importância de trazer para a sala de aula os textos que fazem parte do cotidiano dos alunos para construção do leitor:

Um primeiro passo para formar leitores críticos seria trazer a literatura de entretenimento para dentro da sala de aula. Trabalhar com o relato dessas leituras, debater a estrutura das narrativas, discutir seu apelo e sua recepção. É preciso partir do que os alunos leem para construir um repertório em comum.

Outro ponto da resposta que merece ênfase é o fato de a professora afirmar que muitos alunos “ainda decodificam”. Esse tipo de leitura remete a concepção de leitura encabeçada pela teoria estruturalista. Rangel (2007 p. 48) afirma que esse tipo de leitura “entende a língua como um sistema fechado em si mesmo, pois aqui não é levado em conta o aspecto histórico e social das práticas exercidas pelo leitor”. Tal afirmação da professora requer uma atenção especial, já que a faixa etária pesquisada varia entre 13 e 17 anos. Sugere-se nessa idade que os leitores consigam ultrapassar a matéria linguística do texto. A esse respeito, Antunes (2009 p. 79) afirma que se “a dimensão linguística do texto, se é fundamental, é também insuficiente para a determinação de sua relevância sociocomunicativa”, necessitando que o leitor atribua sentidos ao texto, norteado pelas pistas linguísticas existentes, deixadas pelo autor.

Quando questionados se compreendem o que leem, também foram unânimes em afirmar que compreendem as leituras que realizam. Sugere-se que essa compreensão que eles afirmam ter, passa apenas pela interpretação das linhas do texto, não lendo suas entrelinhas, já que a resposta da professora diz que muitos ainda realizam apenas uma

leitura decodificativa, leitura esta considerada a primeira a ser realizada, para posteriormente partir para leituras com maior grau de complexidade. Outra possível interpretação seria o fato de eles compreenderem realmente a totalidade do texto, utilizando seus conhecimentos prévios para a construção do sentido, haja vista que responderam maciçamente que compreendem o que leem. Kleimam (2004 p. 13) enfatiza a importância dos conhecimentos prévios na leitura ao destacar que:

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de *conhecimento prévio*: o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. É mediante a interação de diversos níveis de conhecimento, como o conhecimento linguístico, o textual, o conhecimento de mundo, que o leitor consegue construir o sentido do texto.

Relacionado à progressão da leitura, todos responderam que em qualquer livro, revista ou texto que estejam lendo, costumam sempre ir até o final, sugerindo que leem por completo aquilo que se propõem. Característica essa de um leitor maduro, proficiente. Confrontantemente a isto, perguntamos a professora qual era a porcentagem de alunos que liam uma obra integral que fosse cobrada em sala de aula. Ela respondeu que menos de 25% liam integralmente a obra, sugerindo que poucos alunos leem as obras pedidas.

Quando perguntados sobre o livro que mais gostaram de ter lido e se fossem escrever um livro, qual seria o tema escolhido, as respostas foram as mais diversificadas e interessantes. Sobre o livro preferido, um aluno respondeu “*Branca de Neve e os sete anões*” e quando perguntado o porquê da escolha, ele disse “*porque acha divertido*” indicando aqui sua preferência por contos de fadas, leituras fictícias, e sobre a segunda resposta, sugere-se uma leitura por prazer, para divertimento. Sobre o tema que escolheria para escrita de um livro a resposta foi “*A vida dos Adolencia*” mostrando que ele escreveria sobre suas próprias experiências de vida, já que ele está na fase da adolescência.

Outro aluno respondeu que seu livro preferido era “*As aventuras do matuto*” aludindo que ele gosta de temas relacionados à vida e o comportamento das pessoas do

campo, que podem ser ou não a sua própria realidade. Quando indagado o porquê da escolha, ele respondeu “*porque era muito engraçado*” mostrando mais uma vez uma leitura para entretenimento. Sobre o tema do livro, ele respondeu que escreveria sobre “*lendas*” confirmando seu gosto por textos populares, de fácil compreensão.

Outro aluno disse que o livro que lhe deu mais prazer de ler em sua vida foi “*Vida no Campo*” porque ele “*acha muito interessante por que fala das dificuldades que as pessoas passam*”. Esse gosto dá-se possivelmente pelo fato de o tema ser presente em sua vida por fazer parte de sua realidade. Além disso, sua justificativa dá a entender que ele acha importante saber as dificuldades que pessoas que vivem essa realidade passam, já que “*vida no campo*” remete-se quase sempre a uma vida sacrificada, marcadas por lutas intensas.

Outro participante do corpus disse que o melhor livro que ele leu foi uma “*revista*” sugerindo assim que ele não gosta ou não tem acesso a livros, ou ainda, que prefere textos mais curtos, outra possível interpretação seria ele considerar revista como um livro. Sobre o tema do livro, ele respondeu que escrevia um livro sobre “*terror*”.

Quando recorrido sobre o livro que mais tinha gostado de ler durante sua vida, ele respondeu “*A grande esperança*”. Tal escolha se deu “*porque leva às pessoas a tomar uma decisão ao lado de Cristo*”. Diante da justificativa pela escolha de tal livro, sugere-se que esse aluno goste mais de temas relacionados à religiosidade ou que ele não possua acesso a outros tipos de leitura e a única leitura que tenha contato tenha sido com essa.

Sobre esta pergunta, 40% dos entrevistados disseram que procuram um livro para ler apenas pelo título ou nome do livro, mostrando assim a relevância de um título, já que ele é a porta de entrada para um texto, e dependendo da sua forma, pode levar um leitor a ler ou não um texto. A mesma porcentagem respondeu que procura um livro para ler por iniciativa própria, sugerindo que ninguém o incentiva. A minoria, 20 % dos entrevistados, dizem que procuram um livro somente pela capa e pelas figuras,

mostrando assim que elementos visuais, design, não podem ser desprezados e devem ser levados em consideração na hora da escolha de um livro, como também sugere a interpretação de que eles não conhecem as obras pelos nomes, relevância sociocultural nem tão pouco pela notoriedade de seus autores, revelando assim que não são leitores assíduos, conhecedores de uma vasta obra literária.

Dialogando com esta pergunta feita aos alunos, foi perguntada a professora o que ela fazia para despertar o gosto dos seus alunos pela leitura, ou seja, quais eram as estratégias utilizadas por ela para despertar o interesse pela leitura, ela disse que: *“Tento levar textos de acordo com a idade dele, que sejam mais curtos, com leitura que não leve muito tempo em sala de aula. E outra, quando percebo que eles gostam mais de determinados temas e/ou gêneros”*. Tal resposta nos possibilita alguns questionamentos como o fato de ela enfatizar textos mais curtos, já que a maioria dos alunos tem dificuldade em ler textos longos, por exemplo, romances que necessitam de uma leitura mais profunda, menos decodificativa. Outra questão importante dita por ela é o fato de ela procurar leituras *“que não leve muito tempo em sala de aula”* mostrando que a leitura é trabalhada em segundo plano, não sendo tratada como prioridade.

Perguntamos a professora como ela abordava a leitura em sala de aula, ela nos respondeu que a leitura era abordada *“Através de questões propostas sobre o texto, de acordo com o gênero, leitura oral”*. Diante dessa resposta, percebe-se que não há *“leitura apenas por leitura”* sempre há questões propostas sobre o texto, interpretações de textos, que muitas vezes são exercícios mecânicos que nada acrescentam no aumento da criticidade e no desenvolvimento das capacidades leitoras, muitas vezes funcionam apenas como exercícios de cópia, embora algumas questões de interpretação de texto desenvolvam esses elementos como estímulo do senso crítico.

Perguntamos a docente como ela cobra a leitura dos livros, ela escreveu que cobra as leituras por meio de *“apresentação, exposição conforme roteiro”* dando a entender que a leitura na sala de aula é programada e acontece de forma pragmática, sem muitos atrativos que sejam convidativos a prática de leitura. Tal suposição pode

ser confirmada quando perguntamos se eles têm aula de leitura, e como elas acontecem. Quatro pessoas disseram que há sim, aula de leitura, e ela acontece quando a professora escolhe uma pessoa para ler na frente. Frente a isso, percebe-se claramente a leitura por imposição. O simples ato de o professor escolher um aluno, que muitas vezes, são os que possuem uma melhor dicção, que leem com pontuação, com um bom tom de voz, considerados “os melhores” da sala em termos de leitura. De acordo com esta resposta, vê-se que não há uma leitura coletiva com discussões em sala de aula que favorecem o debate e o descobrimento de novas ideias.

Ainda relacionado às perguntas feitas a professora de Português, indagamos sobre como ela seleciona as obras para serem trabalhadas, ela respondeu que seleciona a obra de acordo com a disponibilidade da biblioteca, e esta possui poucas opções. Supõe-se que tal escolha seja feita dessa maneira para que todos os alunos tenham acesso à obra trabalhada, já que a biblioteca é acessível para todos pegarem livros.

Perguntados se a escola possui projetos de leitura, todos os entrevistados responderam que a escola possui um projeto de leitura chamado “*Roda de leitura*” tal iniciativa mostra que a instituição se preocupa em incentivar a leitura dos seus alunos.

Perguntamos também como eles têm acesso as leituras e 40 % dos alunos responderam que têm acesso pela internet e pelas escolas, e 20% responderam que tem acesso as leituras em casa. Muitos alunos recorrem mais a internet do que aos próprios livros impressos para ler, visto que ela possui uma infinidade de títulos e gêneros que podem ser vistas e acessados em um só clique e em menor tempo, além de serem mais acessíveis financeiramente, haja vista o preço da maioria dos livros, além é óbvio do contato dos alunos com os textos das redes sociais, que também são leituras, embora menos profundas que outras.

Nenhum dos alunos respondeu que procura um livro para ler por iniciativa do professor, mostrando que possivelmente ela não sugere livros, ou que suas sugestões não os agradam.

Por último, perguntamos aos alunos e também a professora, o que era que eles, os alunos, mais gostavam de ler, e as respostas foram parecidas. Ambos disseram que gostam mais de ler Histórias em Quadrinhos, já alguns alunos responderam que preferem romances e outro aluno disse que prefere outros, mas não especificou. A professora também disse que eles gostam muito de memórias, textos esses que são trabalhados em decorrência da olimpíada de língua portuguesa, uma iniciativa governamental de incentivo à leitura e a escrita nas escolas públicas. Percebe-se que tal iniciativa surtiu efeito, já que os alunos começaram a gostar de outro gênero, mostrando assim a importância de trazer textos que fazem parte da realidade dos alunos.

Conclusão

Perante os dados coletados, percebe-se que os alunos gostam de textos curtos que não necessitam de interpretações profundas, gostando de romances que possuam histórias que estejam mais perto de sua realidade. Vê-se também que não tem aula específica de leitura, estando sempre atrelada à outra atividade.

As respostas da professora sugerem que uma grande porcentagem da sala não gosta de ler, ou que não gostam de ler os textos que ela gostaria que eles lessem, já que como ela mencionou, eles leem muitos textos das redes sociais, que também são leituras. Subtende-se pelas respostas da professora que os alunos não gostam de ler os cânones da literatura, e pelas próprias respostas do corpus, que não fizeram menção a nenhum clássico da literatura brasileira. Outras conclusões sobre as aulas de leitura seria o fato de possivelmente acontecerem da mesma maneira, sem novidades, já que todos descreveram a aula de leitura da mesma maneira, já que em nenhum questionário foi trazido nenhum ponto novo de uma resposta para outra.

Diante dessa realidade, conclui-se a necessidade de enfatizar o trabalho da leitura e da escrita na sala de aula, de forma que ela seja tratada como prioridade. Tal ideia corrobora com os pensamentos de Antunes (2009 p. 193) ao dizer que “a leitura deve preencher os objetivos prioritários da escola porque nos permite o acesso ao

imenso acervo constituído ao longo da história dos povos e possibilita, assim, a ampliação de nossos repertórios de informação”. Por isto a necessidade de ampliar o trabalho com a leitura no ambiente escolar a partir de um novo parâmetro que contemple as práticas de letramento vivenciadas pelos alunos além dos muros das escolas.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola, 2009.

KLEIMAN, Angela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. São Paulo: Pontes, 1989.

OLIVEIRA, Gabriela Rodella. **A literatura não tem de partir dos clássicos**. Disponível em < <http://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2014/07/literatura-nao-tem-de-partir-dos-classicos.html> > Acesso em dia 20 de julho de 2014.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler**. Porto Alegre: Mediação, 2005.